

**A ASSIMILAÇÃO DO /D/
NAS FORMAS VERBAIS DE GERÚNDIO**

Patricia Damasceno Fernandes (UEMS)
damasceno75@gmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)
nattysierra2011@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a assimilação do /d/ no segmento *-ndo* encontrado nas formas verbais do gerúndio presentes na oralidade de pessoas campo-grandenses no estado de Mato Grosso do Sul. Os fatores condicionadores de natureza externa para esta pesquisa são gênero e grau de escolarização; a faixa etária da amostra de informantes foi a mesma (50 anos de idade), visto que o foco está nos dois fatores elencados anteriormente. O principal objetivo é descobrir em qual grupo de informantes a variação em questão mais ocorre e quais fatores sociolinguísticos explicam isso.

Palavras-chave: Gerúndio. Variação. Sociolinguística. Variacionismo.

1. Introdução

O gerúndio é uma das formas nominais dos verbos. Esta forma apresenta um processo em curso, a formação do verbo no gerúndio é morfema flexional /*ndo*/ + a raiz do verbo como a forma verbal *cantando*.

Neste trabalho, pretende-se explicar a variação existente na realização dos verbos no gerúndio na oralidade de campo-grandenses, sendo que, na oralidade, podem ocorrer duas variantes concorrentes, como podemos observar em: *correndo* e *correno*.

Serão investigados os fatores intralinguísticos e extralinguísticos que influenciam neste fenômeno de variação.

2. Fundamentação teórica

O gerúndio é uma forma da língua que veio do latim. Conforme Campos (1972; p. 383), o caso que deu origem ao nosso conhecido gerúndio foi o ablativo, porque, no período arcaico do português, dentre os três casos, que era usado com mais frequência.

Ainda de acordo com Campos (1972, p. 387), avançando no tempo, já nas línguas românicas derivadas do latim, são enumerados cinco

tipos de gerúndio: circunstancial, adjetivo, coordenado, equivalendo a um verbo num modo finito e perífrases com gerúndio.

Atualmente, define-se o gerúndio como “forma nominal do verbo, terminada em /ndo/, usada para exprimir uma circunstância ou forma”. (HOUAISS, 2001, p. 1448).

Gramaticalmente falando, pode-se explicar a função do gerúndio como uma forma nominal do verbo que expressa uma ação em curso, algo que está se realizando, e pode ser equivalente a um advérbio.

Sabe-se que uma das características da língua portuguesa é a variação linguística. As várias formas concorrentes, que podem ser usadas em diferentes contextos sem prejuízo de entendimento, são escolhidas pelos falantes da língua: “[...] a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a ausência de variação no sistema o que necessitaria ser explicado”. (MONTEIRO, 2000, p. 57).

Foneticamente falando, de acordo com Lopes (1995, p. 106), os fonemas /n/ e /d/, quanto ao ponto de articulação, são classificados como linguodentais ou apicodentais, devido ao contato do ápice da língua com os dentes superiores.

As variações existentes na língua podem ser denominadas fenômenos, e um desses fenômenos observados na oralidade dos falantes da língua é o apagamento do /d/ no segmento /ndo/ nas formas verbais de gerúndio.

Um dos fenômenos existentes na língua é a assimilação, que é

[...] a mudança de um segmento sonoro num segmento igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra: *ipso* > *isso*. Fenômeno muito importante na história do português, a assimilação pode ser total, parcial, progressiva e regressiva. (BAGNO, 2007, p. 12)

Ou seja, é uma espécie de força que age na língua falada que faz com que dois sons diferentes, com algum grau de parentesco, passem a ser semelhantes ou iguais.

A assimilação é bem comum na oralidade dos falantes da língua portuguesa, e podemos observar isso em nosso cotidiano em nossa própria fala. Esse processo não ocorre somente nas formas de gerúndio, mas em ditongos também.

Processos assimilatórios ocorrem também na língua atual. Nas variedades

brasileiras em que se usa o pronome tu, ocorre a assimilação de -st- em -ss-: viste > visse; fizeste > fizesse; foste > fosse. Essa mesma assimilação explica a redução do par este/esse (e flexões) a esse (e flexões). Os ditongos ainda grafados “ou” e “ei” também se reduziram, por assimilação, a [o] e [e], respectivamente: pouco > p[o]co; roupa > r[o]pa; cheiro > ch[e]ro; beijo > b[e]jo etc. Em algumas variedades específicas, também o ditongo “au” se reduz a [o]: saudade > s[o]dade; Aurélio > [o]rélio. (BAGNO, 2007, p. 13)

Agora que já conhecemos melhor o fenômeno a ser analisado neste trabalho, poderemos verificar, de acordo com os fatores condicionantes intralinguísticos e extralinguísticos, em qual amostra de informantes essa variação ocorre e os possíveis motivos dessas ocorrências.

3. Metodologia

Para compor a amostra desta pesquisa, foram necessários 4 (quatro) informantes com a mesma faixa etária (50 anos de idade), dois homens (um alfabetizado e outro não alfabetizado) e duas mulheres (uma alfabetizada e outra não alfabetizada), buscando descobrir, em relação ao gênero e à escolarização, onde a assimilação do /d/ pelo /n/ se dá significativamente. É importante destacar que todos os informantes alfabetizados possuem o grau de escolaridade: ensino fundamental, ou seja, o 9º ano (8ª série) concluído.

Antes de cada entrevista foi feito um questionário com treze perguntas (Cf. tabela abaixo), que foram as seguintes, com o objetivo de conhecer o perfil de cada indivíduo. Logo após, o entrevistado teve um tempo que variou de 10 a 15 minutos, em que falou espontaneamente sobre fatos vivenciados do passado ou de seu cotidiano, para que se pudessem sentir mais envolvido com a história e falasse livremente.

1. Qual o seu nome?	8. Se sim, de onde é seu cônjuge?
2. Onde você nasceu?	9. Você tem filhos?
3. Qual a sua idade?	10. Se sim, quantos?
4. Qual a sua escolaridade?	11. Seus filhos estudam ou trabalham?
5. Seus pais nasceram onde?	12. Com quem você mora?
6. Seus avós nasceram onde?	13. Você está trabalhando atualmente?
7. Você é casado(a)?	

[...] quando o assunto refere-se a fatos vivenciados de forma intensa pelo falante, este se envolve com a narrativa de forma que, neste momento, o pesquisador coleta o verdadeiro vernáculo, isto é, a verdadeira fala espontânea do informante e é, justamente, este tipo de fala almejado nos estudos de natureza sociolinguística. (LABOV, 2008, *apud* SABINO & VILLA, 2012, p. 07).

Para realizar as transcrições, foram utilizadas as seguintes regras, com base no Projeto NURC (PRETI, 1995, p. 11-12):

OCORRÊNCIA	SINAIS	EXPLICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	(□)	do nível de renda ... (□) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como r,s)	: : podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh:::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco...Central...certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos ... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Superposição, simultaneidade de vozes	┌ Ligando as └ linhas	A. ┌ na casa de sua irmã B. ┌ sexta-feira? A. ┌ fizeram lá... B. ┌ cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos durante a gravação	“ ”	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “o cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós” ...

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP);
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: ta? você está brava?);
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso;
5. Não se anota o *cadenciamento* da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::::... (*alongamento e pausa*).

8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*. Depois de realizar as transcrições e quantificar as variações de cada grupo de informantes, são feitas as análises dos dados para, então, obtermos os resultados da pesquisa.

4. Análise de dados

Quantidade	Língua falada	Língua escrita
1	sovianu	Assoviando
2	contanu	Contando
3	procuranu	Procurando
4	gritanu	Gritando
5	companhanu	Acompanhando
6	batenu	Batendo
7	querenu	Querendo
8	defendenu	Defendendo
9	cheganu	Chegando
10	choranu	Chorando
11	passanu	Passando
12	ficanu	Ficando
13	deitanu	Deitando
14	isperanu	Esperando
15	pinganu	Pingando
16	Cuidanu	Cuidando
17	correnu	Correndo

Tabela 01: informante: I – feminino 50 anos – analfabeta

Quantidade	Língua falada	Língua escrita
1	ficanu	Ficando
2	dexanu	Deixando
3	trapalhanu	Atrapalhando

Tabela 02: informante II – feminino 50 anos – alfabetizada

Quantidade	Língua falada	Língua escrita
1	voltanu	Voltando
2	retornanu	Retornando
4	isperanu	Esperando
5	Voltanu	voltando
6	correnu	correndo
7	picisanu	precisando

Tabela03: informante III – masculino 50 anos – analfabeto

Quantidade	Língua falada	Língua escrita
1	istudanu	esperando
2	pretendenu	pretendendo
4	trabalhanu	trabalhando
5	sofreneu	sofrendo

Tabela 04: informante IV – masculino 50 anos – alfabetizado

4.1. Análise estatística

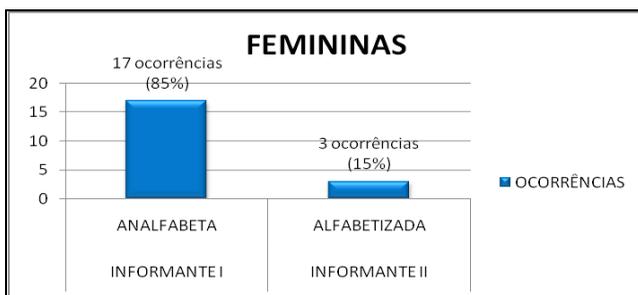


Gráfico 1: porcentagem de ocorrências entre mulher analfabeta e mulher alfabetizada

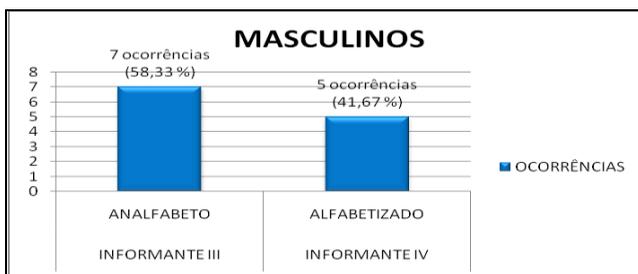


Gráfico 2: porcentagem de ocorrências entre homem analfabeto e homem alfabetizado

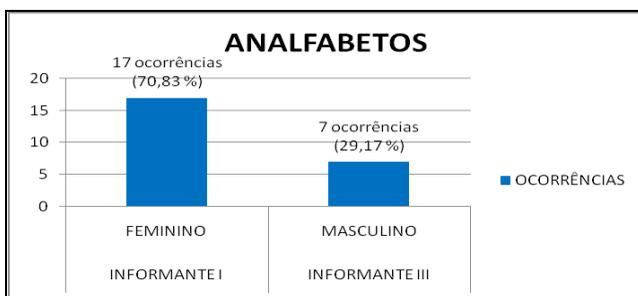


Gráfico 3: porcentagem de ocorrências entre mulher analfabeto e mulher alfabetada

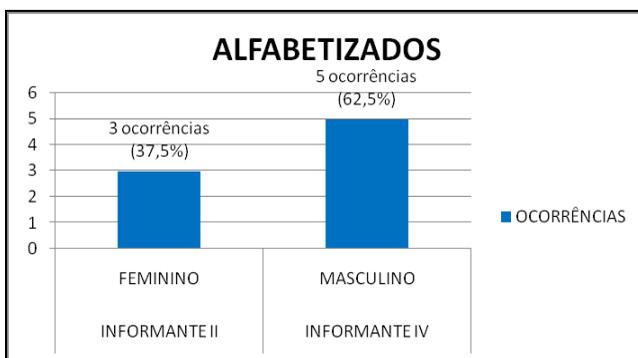


Gráfico 4: porcentagem de ocorrências entre mulher alfabetizada e homem alfabetizado

5. Resultados

Por meio do **gráfico 1**, pode-se observar que, em relação ao gênero feminino, as ocorrências de assimilação do /d/ pelo /n/ foram maiores com a informante I analfabeta, com 85% das ocorrências, sendo que todos os verbos no gerúndio realizados por esta informante apresentaram esse fenômeno.

Já a informante II, alfabetizada, ficou com 15% das ocorrências; nem todos os verbos realizados por esta informante apresentaram este fenômeno. É importante destacar que, no início da entrevista, a informante II parecia ter uma fala espontânea mais bem cuidada, e no final, quando já estava envolvida com sua história, falou mais despreocupadamente e

foi neste ponto que as ocorrências do fenômeno surgiram.

O **gráfico 2** nos mostra que o informante III teve 58,33% das ocorrências, enquanto o informante IV teve 41,67% das ocorrências. Já é possível fazer comparações entre os gêneros: a diferença de ocorrências entre as informantes I e II é muito maior do que em relação aos informantes III e IV.

O **gráfico 3** compara as ocorrências de uma mulher analfabeta com as de um homem analfabeto. O informante I ficou com 70,83% e a informante III com 29,17% das ocorrências.

O **gráfico 4** faz a relação das ocorrências entre os informantes alfabetizados II e IV, respectivamente uma mulher e um homem. A informante II teve 37,5% das ocorrências e o informante IV 62,5%.

6. Conclusão

Com relação às informantes I e II, foi possível constatar que o grau de escolarização se refletiu nas quantidades de ocorrências, como esperado, a porcentagem da assimilação foi maior na informante I.

Entre os informantes III e IV também como previsto, o homem alfabetizado apresentou uma porcentagem menor em relação ao homem analfabeto. Se compararmos, porém, os dois grupos, podemos verificar que a diferença entre o III e IV é mais equilibrada do que entre I e II.

Nesta amostra de informantes, a informante analfabeta teve maior porcentagem de ocorrência do que o homem analfabeto, o que parece contrário a várias pesquisas, que afirmam que as mulheres com o mesmo nível escolar do homem possuem uma fala mais bem cuidada. A amostra desta pesquisa mostrou que nem sempre isso acontece.

Porém, no grupo que compara a mulher alfabetizada com o homem alfabetizado, ocorreu o que muitas pesquisas apontam, a mulher teve uma fala mais bem cuidada do que o homem, sendo que os dois possuem mesmo nível de escolarização.

Acredita-se que o que aconteceu nos grupos do gráfico 3 e gráfico 4 ocorre principalmente devido ao ambiente social em que estão inseridos os falantes. Observando os questionários, pode-se constatar que o informante III, analfabeto, vivia com seus filhos, que eram escolarizados, já estavam ingressando na universidade e, principalmente, que o infor-

mante III trabalha, ou seja, ele convive com grupos linguísticos de linguagem mais bem cuidada, então sua linguagem irá acompanhar a dos grupos linguísticos de que faz parte.

Já a informante I analfabeta não trabalha, mora sozinha, seus filhos pararam os estudos, ou seja, esta informante não frequenta grupos linguísticos com uma linguagem mais bem cuidada. Logo, sua linguagem não será bem monitorada.

Com relação ao gráfico 4, em que ambos, homem e mulher, são alfabetizados, acontece uma situação parecida: a informante II não trabalha, é aposentada, não tem filhos, fica a maior parte do tempo em casa; além disso, não tem muito contato com pessoas que estão estudando. Já o informante IV trabalha e possui filhos estudando. É de se esperar que a linguagem mais bem cuidada irá ocorrer em maior grau com o informante IV, que convive com grupos linguísticos de fala mais monitorada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

CAMPOS, O. G. L. S. *O gerúndio no português: estudo histórico-descritivo*. 1972. – Tese de Doutorado apresentada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Araraquara.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2001.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PRETI, Dino. Normas para transcrição. In: _____. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995, p. 11-12.

SABINO, Elza da Silva; VILLA, Rosângela da Silva. Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Uberlândia. In: *Anais do Simpósio Internacional do Ensino da Língua Portuguesa*, 2012, v. 1, n. 2, [sem numeração de página]. Disponível em: <<http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/1445.pdf>>.